

APRESENTAÇÃO

Grande foi a luta para que a Filosofia, junto com a Sociologia, conquistasse lugar no currículo do ensino básico brasileiro. Esses *componentes curriculares* foram tornados obrigatórios na grade do Ensino Médio pela Lei 11684, em junho de 2008. Desde então foram empreendidos notáveis esforços, em todos os níveis e sítios do território nacional, para criação de linguagens e pedagogias adequadas ao novo público.

Não obstante as muitas dificuldades, dentre elas a baixa carga horária semanal da disciplina, resultados muito significativos foram observados, seja no advento de mestrados profissionais voltados para o ensino de Filosofia, seja no aumento do acervo de títulos no campo, seja, enfim, na constatação de algumas experiências muito exitosas, inclusive reconhecidas pelos alunos, aqui e ali, em pleitos por mais tempo semanal de aulas de Filosofia.

Por tudo isso, causou enorme estranheza que a reforma do Ensino Médio promovida pela Lei 13415, de 16 de fevereiro de 2017, trouxesse entre suas muitas surpresas a queda da mencionada obrigatoriedade. Voltam a Filosofia e a Sociologia à situação anterior ao ano de 2008, não mais componentes curriculares obrigatórios, mas “estudos e práticas” algo indefiníveis, e diluídos numa Base Nacional Comum Curricular que sequer trata as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas e Sociais com a mesma prioridade que as Linguagens e a Matemática. Fenômeno também recente, observa-se em alguns nichos da sociedade brasileira certa aversão ao chamado “pensamento crítico”, parte inalienável da experiência filosófica do mundo.

A estranheza aumenta quando consideramos o notório desenvolvimento protagonizado pelas novíssimas tecnologias, cujos desafios éticos e políticos precisam ser filosoficamente enfrentados. As transformações em curso colocam em questão tópicos tão fundamentais quanto nossas percepções de tempo e espaço, memória, conhecimento, comunicação e educação. A defesa

do papel formativo da Filosofia não é, portanto, nem primeiramente, um problema de defesa do mercado de trabalho dos futuros professores de Filosofia, mas uma questão de sobrevivência de uma espécie que precisa colocar em questão o seu próprio e vertiginoso engenho.

Não poderia nesse sentido ser mais oportuna a iniciativa da revista *O que nos faz pensar* de organizar um dossiê sobre “ensino de Filosofia”, atento o suficiente ao que se tem produzido na área para abrigar 18 artigos, numa publicação em dois volumes.

A primeira parte do dossiê, que agora é apresentada, consta de 8 artigos, sendo que o primeiro deles já busca responder à pergunta sobre se o ensino da filosofia seria uma tarefa impossível, uma vez que é difícil medir os resultados de um processo constante de abertura ao saber, por isso mesmo sempre inacabado. Danilo Marcondes, seu autor, ensaia uma resposta pela via do ceticismo. Já a pesquisadora portuguesa Magda Costa Carvalho aproveita a experiência desenvolvida na Universidade dos Açores, com o curso de Mestrado em Filosofia para Crianças, para repensar o modo convencional de se estar na universidade a partir do contato com a escola e com a infância.

Walter Kohan e Luiz Fernando Sales tomam a visão de mundo dos camdomblés como oportunidade para pensar a formação plural da cultura brasileira, escrevendo a quatro mãos artigo que se propõe refletir sobre o ensino de filosofia no Brasil atual. Continuando no enalço da atualidade, Andre Luis La Salvia remete-se a Deleuze e Guattari para refletir sobre os avanços tecnológicos no campo do entretenimento e da cultura, a fim de situar o ensino de filosofia na sociedade em que vivemos, na qual, por exemplo, seriados da *Netflix* podem dar muito o que pensar.

A partir da experiência com a gestão colaborativa do Mestrado Profissional em Filosofia, o PROF-FILO, iniciado em 2017 e de abrangência nacional, a autora Patrícia Del Nero Velasco segue discutindo a indissociabilidade entre teoria e prática, pesquisa e ensino, no exercício da formação de docentes em nossa área. A pergunta que se coloca é: em que consiste a natureza profissional de um programa de mestrado? Taís Pereira e Felipe Pinto dialogam com essa questão, também a partir de uma experiência com mestrado profissional, o PPFEN-CEFET/RJ, enfocando a criação de produtos educacionais voltados ao ensino de filosofia.

Os dois últimos textos que compõem esta primeira parte do dossiê lidam com o que é, provavelmente, o objeto mais amado por nós, filósofos: o livro. Pedro Gontijo encara o debate sobre a relação entre o ensino de filosofia e o uso do livro didático, coletando dados atuais sobre a oferta desse tipo de

material, bem como problematizando os discursos acadêmicos a respeito da aprendizagem através desse recurso. Vinícius Figueiredo encerra o volume com uma discussão que contribui para a transparência dos processos avaliativos em nossa área acadêmica. Trata-se da classificação de livros pela Capes, abordada a partir de sua própria experiência no desenvolvimento do modelo adotado pela avaliação quadrienal de 2017.

Tudo isso, junto com a contextualização histórica e a reflexão filosófica presentes em todos os artigos, faz deste volume um alvo de interesse também para aqueles que não se dedicam diretamente a pensar o exercício docente em nosso campo.

Esta primeira parte do dossiê é encerrada por uma entrevista de Darcy Ribeiro concedida à *Folha de S. Paulo* em 1995 e gentilmente cedida à *O que nos faz pensar* por intermédio do editor Marcos Augusto Gonçalves, a quem agradecemos. O contexto da conversa é posterior à fuga do hospital pelo famoso professor para terminar seu livro *O povo brasileiro*. O assunto é sua própria formação, desde as origens, o contato juvenil com a política e as incursões antropológicas, chegando às dificuldades para a fundação da Universidade de Brasília. A conversa tem seu fim justamente no que seria o começo de um projeto inovador para a experiência universitária, às vésperas do golpe militar.

Além do dossiê temático, esta edição é composta pela seção *Varia* que, como de hábito, acolhe diversos assuntos. Aqui, encontra-se uma discussão sobre Ética com base em Derrida e outra sobre tolerância a partir de Montaigne; é tematizada a objeção de Leibniz ao argumento ontológico de Descartes e a ação em sua dimensão trágica para Ricoeur. Por fim, na seção *Resenha*, debruça-se sobre a filosofia alemã do XIX.

Agradecemos ao Pedro Duarte, editor da revista, pela ideia e pelo convite para organizarmos este dossiê. E agradecemos muito às autoras e aos autores que integram este número, bem como o próximo, compartilhando suas reflexões acerca do ensino de filosofia conosco.

Desejamos a todas e a todos uma boa leitura,
Edgar Lyra e Marcela Oliveira
OS ORGANIZADORES